

TRAJETÓRIA DIACRÔNICA DO CONECTOR *COM ISSO* NO PORTUGUÊS
DIACHRONIC TRAJECTORY OF THE CONNECTOR COM ISSO IN PORTUGUESE

Monclar Guimarães Lopes¹

Simone Josefa da Silva²

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de descrever a trajetória diacrônica do conector complexo *com isso*, empregado ora como sequenciador, ora como conector lógico-semântico ou discursivo-argumentativo no português brasileiro contemporâneo (LOPES; SILVA, 2022). Para esse fim, recorreremos aos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (CUNHA *et al.*, 2013; OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2016), em especial ao modelo da construcionalização e das mudanças construcionais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), cuja finalidade principal é a descrição histórica da língua sob viés construcionista. A nossa hipótese inicial foi a de que o adjunto adverbial *com isso* passou, ao longo dos séculos, por mudanças construcionais que favoreceram sua posterior construcionalização como conector (supra)oracional. Essa hipótese foi testada por meio da análise mista (LACERDA, 2016; LOPES, 2022) de 442 ocorrências, dos séculos XV ao XXI, extraídas dos seguintes corpora: *Vercial*, *Tycho Brahe* e *Now*. Os resultados desta pesquisa revelam a seguinte trajetória de *com isso*: 1) O adjunto adverbial começou a ser anteposto a seu subordinador, mas ainda bastante vinculado a ele sintática e semanticamente; 2) o adjunto adverbial anteposto começou a ser justaposto a um conector canônico, em especial o “e” – “e com isso” –, contexto favorável a que herdasse progressivamente traços de conexão; 3) *com isso* tornou-se um conector autônomo, na medida em que passou a atuar na margem esquerda da oração, do período ou do parágrafo, sem que fosse necessária sua justaposição a um outro conector.

PALAVRAS-CHAVE: Conector *com isso*. Diacronia. Linguística funcional centrada no uso.

ABSTRACT

This paper aims to describe the diachronic trajectory of the complex connector *com isso*, sometimes used as a sequencer, sometimes as a logical-semantic or discursive-argumentative connector in contemporary Brazilian Portuguese (LOPES; SILVA, 2022). To achieve this goal, we resort to the theoretical assumptions of Cognitive-Functional Linguistics (CUNHA *et al.*, 2013; OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2016), especially to the model of constructionalization and constructional changes (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), whose main purpose is the historical description of language under constructionist bias. Our initial hypothesis was that the adverbial adjunct *com isso* went through constructional changes over the centuries, what favored its later constructionalization as a (extra)clause connector. This hypothesis was tested through a quali-quantitative analysis (LACERDA, 2016; LOPES, 2022) of 442 tokens, from the 15th to the 21st century, extracted from the following corpora: *Vercial*, *Tycho Brahe* and *Now*. The results of this research reveal the following trajectory of *com isso*: 1) The adverbial adjunct began to be placed before its subordinator, but still quite linked to it syntactically and semantically; 2) the preceding adverbial adjunct began to be juxtaposed with a canonical connector, especially “e” (and) – “e com isso” –, which was a favorable context for it to progressively inherit properties of connection; 3) *com isso* became an autonomous connector, insofar as it started to act in the left margin of the clause, the sentence of the paragraph, without the need for juxtaposition to another connector.

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), monclarlopes@id.uff.br, <http://orcid.org/0000-0002-6238-958X>.

² Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista CAPES, simonejs@id.uff.br, <http://orcid.org/0000-0001-9574-9951>.

KEYWORDS: Connector *com isso*. Diachrony. Cognitive-functional linguistics.

Introdução

Os compêndios gramaticais brasileiros compartilham, via de regra, uma lista relativamente semelhante de conectores coordenativos conclusivos, dentre os quais figuram elementos como *logo*, *portanto*, *por conseguinte*, *por isso*, entre outros. Conforme sabemos, essa lista está longe de ser exaustiva, na medida em que os usuários recrutam continuamente outros elementos disponíveis na língua para assumirem funções mais procedurais. Como ilustração, podemos citar o conector³ *com isso*, objeto de estudo desta investigação, que, embora atue no mesmo tipo de relação, geralmente não consta do rol de conectores disponíveis na literatura linguística e gramatical.

Neste trabalho, temos o objetivo de descrever a gênese desse conector, formal e funcionalmente semelhante a *por isso*, posto que é constituído de uma preposição essencial seguida do pronome demonstrativo *isso* e veicula relações semânticas de valor resultativo. Grosso modo, trata-se de uma construção complexa (formada por mais de um elemento) que atua na articulação (supra)oracional – de orações, períodos e parágrafos –, ora como sequenciador, ora como conector lógico-semântico ou discursivo-argumentativo, e que expressa valores semânticos variados, como os de *tempo*, *consequência*, *conclusão* e *elaboração*^{4 5}.

Para esse fim, recorreremos aos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso – ou LFCU – (cf. CUNHA *et al.*, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016), em especial ao modelo da construcionalização e das mudanças construcionais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), originalmente elaborado para subsidiar estudos diacrônicos da mudança linguística sob viés construcionista. Sustentamos que esse modelo nos fornece ferramentas teórico-metodológicas capazes de nos auxiliarem na seleção, identificação e interpretação de dados, de modo a evidenciar a trajetória histórica das construções linguísticas.

Nossa hipótese inicial era a de que *com isso*, na função de adjunto adverbial, passou por uma série de mudanças construcionais prévias que favoreceram sua posterior construcionalização como conector (supra)oracional. Trata-se de uma hipótese bastante plausível, já que os diversos estudos diacrônicos já empreendidos evidenciam que os advérbios são uma categoria-fonte recorrente para a formação de conectores via *gramaticalização* (cf. TRAUGOTT; HEINE, 1991; BYBEE, 2015) ou, mais modernamente, *construcionalização*⁶ (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Mais

³ Empregamos o termo *conector* com a mesma concepção de Rosário e Sambrana (2021). Trata-se de uma categoria ampla, que abriga diferentes classes de palavras (como conjunções, preposições e advérbios) que atuam na articulação de orações, períodos e parágrafos.

⁴ O termo *elaboração*, um tanto incomum na descrição semântica dos conectores, é uma macrocategoria semântica da LSF (HALLIDAY, 2004), que comporta três categorias semânticas menores: o esclarecimento, a exposição e a exemplificação. Falaremos um pouco mais a respeito dessa categoria na próxima seção deste artigo.

⁵ Apresentamos uma ocorrência de cada uma dessas categorias na próxima seção deste artigo.

⁶ Com essa última afirmação, não queremos dizer que a *construcionalização* substitua necessariamente a *gramaticalização*.

especificamente, nossa crença inicial era a de que *com isso* deveria ter passado por dois processos principais: a) anteposição a seu subordinador, como estratégia de focalização discursiva, mas ainda resguardando sua vinculação sintática e semântica a esse elemento; b) a elevada frequência de uso de *com isso* nessa anteposição, possivelmente, foi favorecendo uma relação sintática e semântica cada vez mais frouxa, até que ele assumisse mais autonomia e passasse a ser visto como uma estratégia de conexão.

No intuito de aferir nossa hipótese, trabalhamos com três *corpora*: dois diacrônicos (*Corpus Vercial*, com dados do século XVI ao século XX; *Corpus Tycho Brahe*, com dados do século XIV⁷ ao século XX) e um sincrônico (*Corpus Now*, com dados do século XXI). Ao todo, foram analisadas 442 ocorrências sob a ótica do método misto ou quali-quantitativo (LACERDA, 2016; LOPES, 2022). Conforme veremos mais à frente na seção de análise dos dados, nossos resultados corroboram, em grande medida, nossa hipótese inicial de pesquisa.

Embora o foco deste artigo esteja na descrição da emergência do conector *com isso* ao longo da história do português, sentimos a necessidade de criar uma seção dedicada a descrever seus usos no português contemporâneo, dado que se trata de um objeto ainda pouco difundido. É exatamente isso que fazemos na seção a seguir (2). Depois dela, há ainda três seções neste texto, a saber: 3) pressupostos teóricos; 4) procedimentos metodológicos; 5) análise dos dados. Concluimos o texto com as considerações finais, seguidas das referências.

1. Usos de *com isso* no português contemporâneo

No português, a sequência de palavras *com + isso* tem sido recrutada para funções distintas: pode atuar como um termo oracional – e.g.: complemento ou adjunto – ou, ainda, como um elemento de conexão (supra)oracional. Essa diferença funcional está ilustrada abaixo:

- (1) Um homem terá contaminado diversos produtos alimentares na Alemanha, incluindo comidas para bebês, na tentativa de ganhar milhões de euros **com isso**.⁸
- (2) Pessoas físicas podem doar até 10% do seu rendimento bruto, declarado no ano anterior à eleição. O limite para autofinanciamento – candidato que utiliza recursos próprios para a campanha – havia sido vetado pelo presidente Temer quando sancionou o texto da reforma, em outubro, porém o veto foi derrubado no Congresso na semana passada. **Com isso**,

Como sabemos, há autores que continuam empregando o termo *gramaticalização* para se referir ao processo de mudança linguística, mesmo que em perspectiva construcional (cf. DIESSEL, 2019). Na verdade, apenas entendemos que a *construcionalização* nos fornece ferramentas novas, antes não empregadas nas investigações em gramaticalização, como, por exemplo, a mensuração dos fatores construcionais, como a *esquematicidade*, a *produtividade* e a *composicionalidade*, que passam por reconfiguração nos processos de mudança linguística.

⁷ Cabe frisar que, embora o *corpus* compreenda dados do século XIV, não localizamos ocorrências de *com isso* nesse período.

⁸ Dado extraído do Corpus Now. Acesso em: 18 fev. 2023.

o autofinanciamento por candidatos fica condicionado ao limite para doações de pessoa física.⁹

Em (01), *com isso* atua como um adjunto adverbial, a que se pode atribuir a noção de *meio*. Entendemos que os dois elementos que compõem esse adjunto estão menos vinculados entre si – [[com][isso]] –, de modo que, na designação de meio, pode-se justapor à preposição *com* diversos elementos de natureza nominal (e.g.: *com esse crime, com esse procedimento* etc.). Já em (02), *com isso* atua como conector interperíodo. Posiciona-se na periferia esquerda da sentença e atua na articulação de duas unidades de informação, mais especificamente, o período que antecede e o que sucede o conector, ao qual se pode atribuir o valor de consequência. A despeito de ser possível manter a função do conector por meio da substituição de *isso* por um outro elemento nominal – e.g.: *com a sanção* –, defendemos que, nesse caso, *com isso* constitui um *chunk* – [com isso] – e, por isso, está armazenado na memória dos falantes do português como uma unidade amalgamada de forma-significado, de maneira análoga ao que ocorre com o conector *por isso*, com o qual compartilha várias propriedades de forma e de significado¹⁰.

Motivados pela alta frequência de uso de *com isso* na função de conector, bem como pela carência de estudos a seu respeito na literatura linguística, Lopes e Silva (2022) e Silva (2022) desenvolveram um trabalho descritivo com base em dados do uso e evidenciaram que esse conector é polifuncional e polissêmico. De um lado, pode atuar como sequenciador – quando promove a progressão temporal em sequências narrativas –, como conector lógico-semântico ou conector discursivo-argumentativo – na articulação de segmentos (supra)oracionais de sequências expositivas e argumentativas, respectivamente. De outro, pode veicular noções semânticas distintas, como tempo, consequência, conclusão e elaboração. Abaixo, apresentamos uma ocorrência de cada tipo¹¹:

- (3) Levado ao plantão policial, o tratorista confessou que havia ingerido uma lata de cerveja e que não era habilitado para conduzir veículos. Ele concordou em fornecer sangue para exame de dosagem alcoólica. **Com isso**, após ser ouvido, o homem foi liberado.
- (4) Esse acidente ocasionou a entrada do *Safety-Car* que permaneceu por três voltas na pista. Na relargada, em excelente manobra, Sérgio conseguiu abrir um pouco dos demais concorrentes e, nas três últimas voltas, andou em um ritmo de classificação para comemorar a sua segunda vitória na F-2. “Foi um fim de semana que começou com a minha pior posição de largada do ano e terminou comigo comemorando a vitória. Nosso carro tinha

⁹ Dado extraído do Corpus Now. Acesso em 18 fev. 2023

¹⁰ Conforme veremos mais adiante, os dados sincrônicos do século XXI, extraídos da base de dados *Now* do *Corpus* do Português, sugerem que, na maior parte do tempo que os usuários utilizam *com + isso* no português, fazem-no no contexto de conexão.

¹¹ Dados pertencentes ao Corpus Now, extraídos de Lopes e Silva (2022).

um ritmo de corrida excelente e, **com isso**, consegui me recuperar muito bem na corrida de ontem e, hoje, novamente fui muito rápido”.

- (5) Eis, por exemplo, o *drive-thru* em que Joana passa com o seu carro para orar com um pastor. Mascaro precisa justamente expor uma placa no exterior do ambiente, dando um caráter cômico, como também na cena do pênis suspenso ou dos religiosos rolando no chão. Por se uma obra que se propaga de maneira muito mais austera, isso confunde, e, com uma pose vagarosa que não se embriaga nem para o melodrama, o seu impacto é minimizado. O projeto parece ser, **com isso**, um esquete do Porta dos Fundos, mas antes das expectativas serem quebradas e Fábio Porchat surgir como Jesus.
- (6) Se começarmos hoje a produzir uma série de pessoas ultraeducadas, é possível que haja um aumento da desigualdade, porque essas pessoas serão muito melhores do que as outras e irão se destacar. Então, a educação como política urgente para reduzir a desigualdade social não é efetiva; ela serve como um grande planejamento para o que o país quer ser no futuro. Além disso, a educação gera ganhos de cidadania, conhecimento político e uma série de outras coisas que não se reverterem apenas no mercado de trabalho. **Com isso**, não quero dizer que a educação não seja importante. Estou querendo dizer que 1) a educação como forma de investimento para redução das desigualdades só traz ganhos de muito longo prazo, e 2) ao focar demais na educação, acabamos deixando de lado causas muito mais urgentes e de curto prazo que podem ter afetado as tendências para enfrentar as desigualdades.

Inicialmente, vale ressaltar que, embora tanto o sequenciador quanto o conector atuem na conexão, a diferença terminológica adotada está associada aos diferentes tipos de relações textuais. Assim, de maneira análoga a Barreto e Freitag (2009), reservamos o primeiro termo aos elementos que promovem a progressão temporal entre unidades discursivas e empregamos o segundo para aqueles que atuam em dimensões semânticas mais abstratas, como as lógico-semânticas e as discursivo-argumentativas. Trata-se de uma perspectiva que se coaduna à escala de abstratização funcionalista proposta por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), para quem existe uma escala unidirecional na formação dos elementos procedurais nas línguas naturais, representada pelo *cline* espaço → tempo → texto. Essa escala prevê que termos pertencentes ao domínio espacial são reconceptualizados, via metaforização, para usos temporais e que, usos espaciais e/ou temporais, também por meio desse mecanismo, podem ser reconceptualizados para a expressão de relações textuais, como causa, conclusão, consequência etc. Ademais, segundo Koch (2002, 2003), com base em Ducrot (1980), as relações textuais mais abstratas podem se dividir em duas categorias: lógico-semânticas e discursivo-argumentativas, estando essas últimas reservadas àquelas que têm o objetivo de orientar a

interpretação do ouvinte/leitor para determinadas conclusões, a depender da intenção comunicativa do falante/escritor.

Em (03), *com isso* tem a função de sequenciador em decorrência do contexto pragmático em que ocorre. Está inserido em uma sequência narrativa, que se caracteriza, dentre outros aspectos, pela progressão das ações no tempo: num primeiro momento, os policiais param o motorista; em sequência, “convidam-no” a fazer o teste do bafômetro e constatam o teor alcoólico no sangue; por fim, liberam-no. O objeto *com isso* ocorre entre essas duas últimas ações e está ali como uma estrutura em prol da introdução de um desfecho, sem que lhe seja atribuído uma noção semântica mais abstrata. Equivale funcionalmente ao sequenciador *então*, como pode ser observado na paráfrase proposta a seguir: *ele concordou em fornecer sangue para exame de dosagem alcoólica. Então, após ser ouvido, o homem foi liberado.*

Nas ocorrências (04) a (06), *com isso* já atua como um conector de relações mais abstratas, assim como *por isso* – conector com o qual compartilha características formais, por ser constituído por preposição seguida do pronome demonstrativo *isso*, e funcionais, por atuar nas relações resultativas pertencentes ao domínio da causalidade (cf. SWEETSER, 1990). Sob esse ponto de vista, pode pertencer ao *domínio do conteúdo*, no qual estabelece relações de consequência; ao *domínio epistêmico*, em que indicia uma conclusão; ao *domínio dos atos de fala*, em que apresenta uma justificativa, esclarecimento ou exemplificação para um ato de fala prévio.

Em (04), *com isso* ocorre em uma sequência narrativo-expositiva, em que o enunciador da notícia relata sucintamente a corrida de que participou no final de semana e, em sequência, apresenta os motivos pelos quais obteve êxito. Trata-se de uma relação de consequência, pertencente ao domínio do conteúdo, em decorrência de algumas características, dentre as quais destacamos: a) a presença de uma relação temporal de causa e consequência, em que a causa é anterior à consequência, isto é, *como o carro tinha um ritmo de corrida excelente* (causa), *ele conseguiu se recuperar bem* (consequência); b) a existência de um conteúdo de natureza factual, em que as relações estabelecidas entre as duas unidades de informação, que levam à noção de consequência, não dependem de um ponto de vista, na medida em que fazem parte de uma relação imbricativa lógica: 1) *um ritmo de corrida excelente* favorece 2) *uma boa recuperação na corrida.*

Em (05), por sua vez, temos uma sequência argumentativa de um artigo de opinião, em que a relação entre as duas unidades de informação – a que antecede e a que sucede *com isso* – é marcada pela perspectiva subjetiva, isto é, pelo ponto de vista. Nesse sentido, a semelhança entre a obra narrada e o esquete do Porta dos Fundos está atrelada ao olhar do enunciador, não sendo um ponto de vista necessariamente compartilhado por todos os telespectadores. Trata-se de uma relação de conclusão, pertencente ao domínio epistêmico, de natureza não factual. Ademais, cabe frisar que a conclusão, distintamente da consequência, é prototipicamente atemporal: as relações entre as unidades de informação articuladas pelo conector ocorrem em um mesmo tempo, não sendo uma anterior à outra. Isso se dá porque a conclusão é de natureza silogística: se $a=b$ e $b=c$, logo $a=c$.

Por fim, em (06), *com isso* pertence ao domínio do ato de fala, cuja função é introduzir uma paráfrase para a unidade de informação prévia. O enunciador busca esclarecer o que disse previamente, de modo a evitar eventuais mal-entendidos por parte do leitor. Lopes e Silva (2022) e Silva (2022) associam o domínio do ato de fala à macrocategoria semântica da elaboração, que, segundo Halliday (2004), dá-se em uma relação de igualdade entre as unidades de informação (1=1). Nesse tipo de relação semântica, o enunciador não visa a introduzir informações de natureza nova, mas, sim, justificar, esclarecer ou justificar aquilo que foi dito previamente.

Logo, uma vez introduzidos os diferentes usos do conector *com isso*, passemos para a próxima seção, em que tratamos dos pressupostos teóricos desta pesquisa, cujo objetivo é a descrição da gênese desse conector no português¹².

2. Pressupostos teóricos

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), também conhecida como Linguística Cognitivo-Funcional, é um modelo teórico que associa os pressupostos da Linguística Funcional Norte-Americana (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 1993; HEINE; CLAUDI, HÜNNEMEYER, 1991 etc.) com os da Linguística Cognitiva, em especial, a abordagem construcional da gramática (cf. GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; HILPERT, 2014; DIESSEL, 2019 etc.). Trata-se de uma abordagem que atribui igual relevância aos aspectos formais e funcionais das construções linguísticas, vistos como interdependentes – $[[F] \leftrightarrow [S]]$ – e que descreve as línguas naturais em termos de sua gradiência, nas investigações sincrônicas, ou de sua gradualidade, nas diacrônicas.

Sob o prisma da Gramática de Construções, define-se a construção como um pareamento simbólico de forma e significado (cf. GOLDBERG, 1995), em que algum aspecto de F (forma) ou de S (significado) não é estritamente previsível de suas partes componentes. É o que observamos em *com isso*, visto que o papel morfossintático assumido – de termo oracional ou conector – e os valores semânticos introduzidos em contextos de conexão dependem de questões contextuais, e não diretamente da soma das funções e dos sentidos de *com* e *isso*. Cabe frisar que, também para esse modelo, assume-se a hipótese de que todo o conhecimento linguístico do falante está organizado em uma rede dinâmica de construções, formada por um conjunto multidimensional de nós interconectados por diferentes tipos de relações: *simbólicas*, *taxonômicas*, *sequenciais*, *lexicais*, *construcionais* e *de preenchimento de slot* (cf. DIESSEL, 2019).

Na investigação histórica, coadunam-se à LFCU diferentes abordagens construcionais diacrônicas que lidam com dados empíricos do uso linguístico. Para esta pesquisa, adotamos o modelo da construcionalização e das mudanças construcionais, proposto por Traugott e Trousdale (2013), os quais distinguem dois tipos de mudança: *mudanças construcionais*, que afetam sensivelmente a construção – usualmente o polo da forma ou o do significado –, sem resultar na criação de uma nova

¹² Para uma leitura mais aprofundada e detalhada dos usos do conector *com isso* no português contemporâneo, indicamos a leitura de Lopes e Silva (2022) e Silva (2022).

construção; *construcionalização*, quando uma nova construção se forma na língua, na medida em que uma construção X gera uma construção Y, a que pode ser atribuída uma nova forma, bem como um novo significado.

Ainda sobre esses dois tipos de mudança, os referidos autores argumentam que, na trajetória histórica, as mudanças construcionais costumam anteceder e suceder a construcionalização. Normalmente, as *mudanças construcionais pré-construcionalização* afetam mais facilmente o polo do significado da construção, quando os usuários, quase sempre em decorrência de fatores contextuais, por meio do mecanismo da *neoanálise*¹³, são levados a atribuir um novo significado para uma construção conhecida – fenômeno conhecido como *mismatch* ou *sanção parcial* (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). A *construcionalização*, posteriormente, afeta o polo da forma, posto que a reificação do novo sentido na fase anterior, cada vez mais compartilhado por uma comunidade de falantes, acarreta a reconfiguração morfossintática, formando-se um novo nó, isto é, um novo pareamento de forma-significado. Por fim, as *mudanças construcionais pós-construcionalização* normalmente afetam o polo da forma por meio de processos de aumento de vinculação entre os elementos – *chunking* –, com possibilidade de perda de material fonético, ou o polo do significado em termos de polissemia e de expansão dos contextos de uso (cf. HILMMELMANN, 2004).

Para Diessel (2019), a mudança linguística é fortemente motivada por processos cognitivos, dentre os quais se destaca o da automatização, pertencente ao domínio da memória, desencadeada, sobretudo, pela elevada frequência de uso. Sob essa ótica, o uso recorrente de uma mesma sequência de elementos pode acarretar a reconfiguração de suas relações, por meio de: a) formação de *chunk*, quando os elementos da sequência compõem um forte agrupamento de forma e significado, uma espécie de amálgama, com possibilidade de perda de material fonético; b) maior acessibilidade, na medida em que as construções mais frequentes reforçam e facilitam seu acesso na memória; c) atribuição de novo(s) significado(s), já que a frequência elevada de uso favorece processos de diminuição da composicionalidade semântica e acréscimo de novos significados por pressão contextual.

Um aparato metodológico que tem sido bastante útil para captar a trajetória de mudança das construções linguísticas, nas pesquisas diacrônicas que desenvolvemos, é o cline contextual proposto por Diewald (2006), inicialmente formulado para a descrição do processo de gramaticalização e, posteriormente, adaptado para os estudos em construcionalização (cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). Vale ressaltar que a análise contextual é bastante relevante para flagrar a mudança em curso nas diferentes sincronias da língua, uma vez que o contexto representa uma “área de sobreposição entre pragmática e discurso” (BERGS; DIEWALD, 2009, p. 3), que impacta a função que atribuímos aos elementos da língua.

¹³ A neoanálise é um mecanismo cognitivo que leva o usuário a atribuir um novo sentido e/ou uma nova função a uma construção prévia. Neoanálises sucessivas de uma mesma construção, promovidas por diferentes usuários, levam à mudança construcional ou à construcionalização, dado que acarretam a reconfiguração de uma construção já existente ou resultam na formação de uma nova construção, ambas compartilhadas por uma comunidade de falantes.

Para a análise contextual, Diewald (2006, p. 4) prevê os seguintes estágios de mudança¹⁴:

Quadro 1: Estágios de Mudança

Estágio	Contexto	Sentido/Função
I. Pré-condições de gramaticalização	Contextos atípicos	Implicatura conversacional
II. Desencadeamento da gramaticalização	Contexto crítico	Opacidade múltipla
III. Reorganização e diferenciação	Contextos isolados	Polissemia/heterossemia

Fonte: Diewald (2006, p. 4)

No primeiro estágio, as pré-condições de gramaticalização envolvem a existência de um contexto atípico, em que o ouvinte é levado a atribuir um novo sentido a uma dada construção em decorrência do contexto de uso. Esse é o contexto da neanálise inicial ou, mais particularmente, da inferência sugerida (cf. TRAUGOTT; DASHER, 2005). Em termos construcionais, a implicatura conversacional é motivada por um *mismatch* entre o *constructo*¹⁵ e seu esquema original, situação que obriga o ouvinte a atribuir um novo sentido à construção de modo a tornar o enunciado coerente àquilo que ele acredita representar as intenções do falante.

No segundo estágio, temos uma gramaticalização evidentemente em curso, quando a ambiguidade não é só semântica, mas também estrutural. Esse estágio é uma consequência natural do processo de gramaticalização, quando a reificação de um novo significado leva os usuários a reconhecerem uma dada estrutura como portadora de mais de um significado e/ou função.

No terceiro estágio, por sua vez, ocorre a consolidação do processo de gramaticalização, com a reconfiguração não só do significado, como também da morfossintaxe da construção original. Em termos construcionais, podemos dizer que os usuários reconhecem a existência de duas construções de forma semelhante, mas de função distinta na língua. Como ilustração, podemos citar o caso de *com isso*: os falantes do português reconhecem, hoje, essa estrutura não somente como um termo oracional, que desempenha funções de complemento e adjunto, como também como um conector, recrutando-o recorrentemente para a articulação (supra)oracional.

3. Procedimentos metodológicos

Selecionamos 442 ocorrências da sequência de palavras *com + isso* em três *corpora*: dois diacrônicos – *Vercial* e *Tycho Brahe* – e um sincrônico – *Now*, uma das bases de dados do *Corpus do Português*. O *Corpus Vercial* é um *corpus* de 14.9 milhões de palavras, constituído por 309 obras literárias de 55 autores portugueses, cujas datas de publicação variam desde 1500 (*Carta do*

¹⁴ Vale ressaltar que o quadro proposto por Diewald (2006) captura somente os estágios de mudança. Para a autora, há um contexto prévio, chamado de contexto típico, que diz respeito ao uso “original”, ou melhor, ao uso que antecede a mudança. Na análise de dados, também apresentamos dados do contexto típico.

¹⁵ O termo *constructo* refere-se ao dado empírico. Diferencia-se da ideia de construção, que é uma virtualidade, um conhecimento compartilhado pelos falantes, armazenado na memória.

Achamento do Brasil, de Pero Vaz de Caminha) a 1933 (*Memórias III*, de Raul Brandão). O *Tycho Brahe* apresenta uma estrutura bastante semelhante ao anterior, sendo composto de 88 obras literárias de autores portugueses, nascidos entre 1380 e 1978, somando, ao todo, 3.5 milhões de palavras. Já o *Corpus Now* possui 1.1 bilhão de palavras, sendo constituído por textos midiáticos originalmente virtuais.

Reconhecemos que a seleção de *corpora* constituídos por gêneros distintos representa uma certa fragilidade para esta pesquisa. Afinal, uma vez que estamos investigando um conector que atua como sequenciador, em sequências narrativas, e como conector lógico-semântico e discursivo-argumentativo, em sequências expositivas e argumentativas, o ideal seria que elencássemos gêneros em que a distribuição dessas sequências ocorresse de maneira mais ou menos uniforme, tal como ocorre nos textos que constituem o *Corpus Now*. Não obstante, infelizmente, esse procedimento não é possível, uma vez que as fontes diacrônicas para análise do português são relativamente escassas, sobretudo as do português arcaico. Sendo assim, precisamos, conforme nos orienta Labov (1994, p. 11), “fazer o melhor uso dos maus dados”.

Nos *corpora* diacrônicos, a totalidade de ocorrências foi analisada (342, no total); no último *corpus*, selecionamos somente as 100 primeiras, dada a sua extensão: ao todo, são 94.911 ocorrências. Os quadros 2 e 3, a seguir, especificam melhor esses dados, considerando as diferentes fontes e períodos:

Quadro 2: Distribuição de ocorrências por *corpus*

<i>Corpus</i>	Período	Quantidade de ocorrências analisadas
Vercial	Séculos XV ao XX	275
Tycho Brahe	Séculos XIV ao XX	67
Now	Século XXI	100
Total		442

Fonte: Elaboração dos autores.

Quadro 3: Distribuição das ocorrências por século

Período	Número de ocorrências
Século XV	01
Século XVI	32
Século XVII	39
Século XVIII	22
Século XIX	224
Século XX	24
Século XXI	100
Total	442

Fonte: Elaboração dos autores.

Na análise, empregamos o método misto, caracterizado pelo “equacionamento entre a metodologia qualitativa e a quantitativa (LACERDA, 2016, p. 85). Segundo Lopes (2022, p. 214), a parte qualitativa é “responsável pela análise interpretativa das ocorrências”; a quantitativa, “pela identificação da produtividade das construções”. Grosso modo, as duas faces do método se complementam, uma vez que, juntas, permitem-nos chegar a algum nível de generalização, posto que é a reincidência das mesmas propriedades em inúmeras ocorrências que nos permite distinguir o que é intrínseco da construção daquilo que é idiossincrático e, por isso, ocorre somente no nível do constructo.

Nesse processo, empregamos um conjunto de fatores que dialogam tanto com as generalizações da teoria com que trabalhamos quanto com nossas hipóteses iniciais. Eles são os seguintes:

- a) **Classificação funcional de todos os segmentos constituídos por *com + isso*, nos corpora.** Por meio desse levantamento, buscamos aferir a produtividade de *com + isso*, ao longo dos séculos, em suas diferentes funções: complemento nominal, verbal ou circunstancial; adjunto adverbial; conector.
- b) **Posição de *com isso* na unidade de informação (isto é, em relação à oração, ao período ou ao parágrafo):** uma vez que aventamos a hipótese de que a construcionalização de *com isso*, de adjunto adverbial a conector, seja motivada inicialmente pela anteposição do adjunto a seu subordinador, buscamos identificar esses contextos de uso, avaliando o grau de integração sintático e semântico entre esses elementos.
- c) **Justaposição de *com isso* a outros conectores canônicos:** durante a análise, observamos uma elevada recorrência do adjunto adverbial *com isso* justaposto a outros conectores, sobretudo à conjunção coordenativa “e”. Por esse motivo, optamos por analisar esses usos em sua particularidade, em decorrência da possibilidade de que *com isso*, antes de se tornar um conector autônomo, teria herdado propriedades do elemento a que estava justaposto.
- d) **Classificação das ocorrências quanto aos contextos de mudança (DIEWALD, 2006).** Nesse fator, verificamos os diferentes contextos de uso: o típico, quando *com isso* apresenta uma função morfossintática mais prototípica e se posiciona à direita de seu subordinador; o atípico, quando adjuntos adverbiais são antepostos, mas ainda vinculados semântica e sintaticamente ao subordinador; o crítico, quando adjuntos adverbiais justapostos a conectores apresentam uma vinculação mais frouxa com o subordinador e começam a herdar características de conexão; o isolado, quando *com isso*, na periferia esquerda da unidade de informação (oração, período ou parágrafo), está pouco vinculado a constituintes sintáticos específicos e é responsável pela articulação de unidades de informação por meio de movimento retrospectivo e prospectivo (isto é, atua como conector).

4. Análise dos dados

Ao longo deste artigo, declaramos que nosso objetivo é o de descrever a gênese do conector *com isso* no português e que nossa hipótese inicial é a de que *com isso*, na função de adjunto adverbial, passou por mudanças construcionais que favoreceram sua posterior construcionalização como conector (supra)oracional. Para testar nossa hipótese, empregamos um conjunto de quatro fatores, dentre os quais destacamos a análise contextual proposta por Diewald (2006). Por esse motivo, organizamos esta seção em quatro partes, cada qual indicando um tipo de contexto: típico, atípico, crítico e isolado.

Antes de procedermos a essa divisão, analisemos, de antemão, a síntese dos nossos achados, indicados numericamente no quadro 4:

Quadro 4: Distribuição dos dados por contexto

	Contexto típico	Contexto atípico	Contexto crítico	Contexto isolado	Totais de ocorrências por século
Século XV	1	0	0	0	1
Século XVI	18	2	9	3	32
Século XVII	14	3	21	1	39
Século XVIII	15	4	2	1	22
Século XIX	195	9	16	4	224
Século XX	17	4	3	0	24
Século XXI	38	0	19	43	100
Totais por contexto	299	21	70	52	442 ocorrências

Fonte: Elaboração dos autores.

Como é possível observar, há ocorrências da sequência *com + isso*, nos *corpora*, a partir do século XV. No entanto, consideramos que o único dado pertencente a esse século o torna irrelevante para atestar processos de mudança.

Além disso, como no século XVI já encontramos três dados em que *com isso* atua como conector (contexto isolado), acreditamos que sua construcionalização se deu previamente, possivelmente em sincronias pretéritas. Contudo, trata-se infelizmente de uma hipótese, uma vez que dados anteriores a esse período não estão disponíveis nos *corpora* de que dispomos. Abaixo, seguem duas dessas ocorrências do século XVI, no contexto isolado, como ilustração da convencionalização do conector *com isso* já nesse período:

- (7) Que desculpa posso eu dar “melhor qu'este meu cuidado?” Moço E não há mais que fazer? **Com isso** a boca me tapa para mais nada dizer? AURÉLIO Ora dá-me cá ‘as casa, E vamos ver o que quer.¹⁶

¹⁶ Dado do Corpus Vercial, século XVI. Obra: Auto dos Anfitriões (Teatro).

- (8) [1044] Coitada de mi, a mi se tornam todas as culpas. [1045] Mas os homens que desprezam os conselhos de sua molheres, caem nestes erros, como se elas nam tivessem razão como eles; então aos erros das coitadas nam há desculpas, os seus têm trinta mil. [1046] Minhas contas eram boas, fazia-os por tais respeitos. [1047] Quem havia de cuidar se me isso a mi parecera? [1048] **Com isso** passam, e querem que as molheres nam tenham juízo, nem entendimento, e que nam vejam o que vem, e que nam entendam o que entendem.¹⁷

Em (7) e (8), temos dois contextos em que *com isso* atua como conector. Em ambos os casos, a estrutura articula duas unidades de informação: dois períodos em (7) e dois turnos de fala em (8), a que podemos atribuir, respectivamente, a função de sequenciador e de conector conclusivo. Conforme veremos mais adiante, na análise do contexto isolado, o conector se caracteriza, dentre outros aspectos, por uma maior autonomia sintática, pela posição à margem esquerda da unidade de informação (oração, período ou parágrafo) e por ter como escopo unidades mais extensas de conteúdo.

Uma vez que não foi possível flagrar, nos dados, sincronias prévias em que o uso conector ainda não existia, passamos a investir na diferença da distribuição dos dados entre os séculos XV e XXI. Como é possível verificar, até o século XX, há predominância dos usos de *com isso* nos contextos típicos, sendo relativamente raros os usos em contexto de conexão – como sequenciador ou conector. No século XXI, contudo, observamos um aumento substancial nos contextos isolados (aproximadamente a metade das ocorrências da sequência *com + isso* enquadra-se nessa categoria, ao passo que esse número é bastante baixo nos séculos anteriores).

Paralelamente, no século XXI, não há dados que figuram como contexto atípico. Isso pode significar que, à medida que a anteposição de *com isso* se consolida como conector, os usuários evitam empregar os adjuntos adverbiais nessa posição, mantendo-os à direita do subordinador. Trata-se de um tipo de acomodação de que trata Diewald (2020). Em outras palavras, à medida que *com isso* se torna um conector convencional do português, para manter a distinção entre o uso adverbial e o uso conector, o sistema linguístico passa a comportar traços distintivos – neste caso, posicionais, por pressão dos paradigmas – que facilitam ao usuário reconhecer cada um desses usos como pertencente a uma ou a outra categoria.

Também podemos entender que essa distinção posicional representa uma estratégia mais econômica para a memória, além de ser uma consequência natural da reconfiguração das relações sequenciais (cf. DIESSEL, 2019). Isso significa que, conforme o conector *com isso* fica mais frequente e fixo na memória, estando sempre deslocado à esquerda, esse traço também se torna, progressivamente, mais enraizado na construção e, simultaneamente, na memória dos falantes.

Um outro aspecto que se pode destacar sobre os dados apresentados no quadro 4 é a permanência dos contextos de mudança ao longo dos séculos. Como se pode notar, há dados do contexto atípico (que representam as pré-condições da gramaticalização/construcionalização) entre os séculos XVI

¹⁷ Dado do Corpus Tycho Brahe, século XVI. Obra: Teatro de Antônio Ferreira.

ao XX, bem como dados do contexto crítico (que indicam o desencadeamento da gramaticalização/construcionalização) entre os séculos XVI e XXI. Isso decorre da gradiência própria da língua, haja vista que a relação entre sincronia e diacronia é vista como indissociável. Nos termos de Heine e Kuteva (2007, p. 210), “o estado sincrônico das línguas pode ser visto como o produto congelado de processos cognitivos e comunicativos ocorridos no passado”. Por esse motivo, os contextos de mudança permanecem atuando nas diferentes sincronias. Trata-se, nas palavras de Rosário e Lopes (2023), de um caso de divergência (cf. HOPPER, 1991), quando “diferentes graus de gramaticalização¹⁸ de um mesmo item convivem em uma mesma fatia temporal, de modo que, em um contexto X, o item tem um significado ou uso distinto do aferido em um contexto Y” (ROSÁRIO; LOPES, 2023, p. 61).

Feitas essas apreciações iniciais, passemos para a análise de cada um dos contextos.

4.1. O contexto típico

No contexto típico, *com isso* está à direita de seu subordinador, com o qual mantém maior vinculação em comparação aos outros estágios. A síntese dos dados encontrados nesse contexto estão presentes no quadro abaixo:

Quadro 5: Consolidação dos dados – Contexto típico¹⁹

	<i>Com isso</i> posposto ao elemento subordinador			
	Complemento nominal	Complemento verbal	Complemento circunstancial	Adjunto adverbial
Século XV	0	1	0	0
Século XVI	0	4	1	13
Século XVII	3	3	4	4
Século XVIII	1	6	5	3
Século XIX	15	50	56	74
Século XX	1	8	6	3
Século XXI	3	14	4	17
Total	23	86	76	114
Total Geral	299 ocorrências			

Fonte: Elaboração dos autores.

Reconhecemos que a vinculação entre *com isso* e seu subordinador, mesmo quando posposto, pode variar, uma vez que os complementos são mais integrados ao verbo do que os adjuntos. No entanto, argumentamos, nesta seção, que a vinculação entre subordinador e complemento/adjunto tende a diminuir em decorrência de dois fatores: a) posição (sendo a relação na anteposição mais

¹⁸ Assim como da construcionalização.

¹⁹ Vale lembrar, conforme dissemos na seção anterior, que até o século XX, analisamos a totalidade dos dados disponíveis nos *corpora*. Sendo assim, a discrepância numérica na distribuição das ocorrências se deve às especificidades dos *corpora*, que apresentam extensões distintas quanto ao número de palavras, para os diferentes séculos. Também cabe frisar que a quantidade de palavras por período não é informada pelo *Vercial* nem pelo *Tycho Brahe*.

frouxa); b) distância. Dessa maneira, entendemos que o nível de integração/vinculação²⁰ desses elementos se dá em um *continuum*, percepção que vai ao encontro do subprincípio funcionalista da integração, para o qual “os conteúdos mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação” (CUNHA *et al.*, 1995, p. 32). Abaixo, segue uma ocorrência de cada um dos tipos de função como ilustração:

- (9) O fanático não se esquecia de que era cortesão. Entretanto, nas disputas entre o cardeal De Crescentiis e D. Frei Baltasar, ou nos debates deste com Paulo III, D. Miguel, se porventura se achava presente, colocava-se do lado dos procuradores da Inquisição com o mesmo ardor com que outrora os combatera, e, não contente com isso, empregava esses restos da influência que exercera em promover a pronta conclusão do negócio.²¹
- (10) O preparador de goleiros é muito criticado por alguns rubro-negros nas redes sociais, mas diz não se preocupar com isso.²²
- (11) Ora, Senhor, tenho entendido que não sou nada nesta vida. MERCÚRIO E eu que tenho com isso? SARAMAGO Pois, Senhor, já que não me bastou ser um Saramago nascido das ervas, para deixar de ser invejado o meu nome, peço-te que, ao menos, me deixes ser a tua sombra, que com isso me contento.²³
- (12) Um homem terá contaminado diversos produtos alimentares na Alemanha, incluindo comida para bebês, na tentativa de ganhar milhões de euros **com isso**.²⁴

Nas ocorrências (09), (10) e (11), *com isso* exerce a função de complemento – nominal, verbal e circunstancial²⁵, respectivamente. Na base de dados investigados, esta é a posição regular da complementação quando posposta ao subordinador: alocada imediatamente à sua direita. Esse aspecto ocorre em todos os casos de complementação nos *corpora* (185 ocorrências – 23 complementos nominais; 86 complementos verbais; 76 complementos circunstanciais), sem exceção²⁶.

Em (12), *com isso* exerce a função de adjunto adverbial e, por isso, apresenta natureza menos integrada ao verbo. Essa menor integração pode ser observada pelo distanciamento entre os elementos,

²⁰ Para este texto, empregamos os termos *integração* e *vinculação* como sendo intercambiáveis.

²¹ Dado do Corpus Vercial, século XIX. Obra: História da Inquisição III.

²² Dado do Corpus Now, século XXI. Notícia esportiva.

²³ Dado do Corpus Vercial, século XVIII. Obra: Anfitrião ou Júpiter e Alcmena (Teatro).

²⁴ Dado do Corpus do Português, século XXI.

²⁵ Não buscamos justificar a classificação dada a cada um dos elementos neste artigo, pois entendemos que o complemento, embora figure entre um dos usos típicos, não é a estrutura recrutada para o processo de mudança, mas, sim, o adjunto adverbial.

²⁶ Com isso, não queremos dizer que a posição imediatamente à direita do subordinador seja uma regra, de modo que outras posições sejam consideradas agramaticais. O que os dados evidenciam, na verdade, é a elevada regularidade dessa ordenação, que, exatamente por ser muito frequente, representa a totalidade de nossos dados.

conhecimento já compartilhado pela literatura gramatical canônica. Afinal, o complemento é um termo integrante da oração (mais integrado ao verbo), ao passo que o adjunto adverbial é um acessório. Por isso, essa estrutura argumental usualmente apresenta essa ordem: verbo + complemento + acessório. Entendemos que essa ordem pode ser alterada – via de regra, o advérbio pode ocupar diversas posições na sentença –, sobretudo em virtude de estratégias de focalização, porém reconhecemos que ela é considerada a natural para os constituintes, conforme já advoga a literatura gramatical e linguística.

Além do dado (12), temos outras ocorrências nos *corpora* em que *com isso* não está imediatamente à direita de seu subordinador, como em “eu me envolvi muito **com isso**”; “não se jubilem excessivamente **com isso**”, em que há um advérbio intercalado. No entanto, na maior parte das ocorrências (110 do total de 114 com função adverbial), *com isso* também está imediatamente após seu subordinador, assim como nos casos de complementação (e.g.: “não te defendas **com isso**”; “que esperais ganhar **com isso**”).

4.2. O Contexto Atípico

Nesse estágio, *com isso* está à esquerda de seu subordinador. Como dissemos anteriormente, defendemos que a anteposição (além da distância) é um dos aspectos que favorecem uma menor vinculação sintática – e, por sua vez, semântica – entre os elementos. O motivo subjacente a essa menor integração é de ordem cognitiva: o português é uma língua SVO – ordenação natural sujeito-verbo-objeto –, em que os modificadores se posicionam à direita de seu núcleo. Toda vez que rompemos com a ordenação natural, o elo entre os elementos se torna mais frouxo. À guisa de ilustração desse fenômeno, podemos citar o conhecido caso dos verbos situados à esquerda dos sujeitos, que são mais suscetíveis a não apresentarem as marcas número-pessoais de concordância: *chegou as meninas* – ordem verbo + sujeito (concordância não canônica) vs. *as meninas chegaram* – ordem sujeito + verbo (concordância canônica).

Abaixo, segue o quadro 6, com a síntese numérica dos dados e, em sequência, 4 ocorrências como ilustração:

Quadro 6: Consolidação dos dados – Contexto atípico

	<i>Com isso</i> anteposto ao elemento subordinador	
	Complemento verbal	Adjunto adverbial
Século XV	0	0
Século XVI	1	1
Século XVII	0	3
Século XVIII	0	4
Século XIX	1	8
Século XX	0	3
Século XXI	0	0
Total	2	19
Total Geral	21 ocorrências	

Fonte: Elaboração dos autores.

- (13) “Vigayro, eu vos tive sempre em muyto boa conta, e agora vos tenho em muito melhor por serdes o primeiro que votastes contra mi, que os bons e virtuosos assi o ham de fazer quando eu nam tiver justiça; e para verdes quanto **com isso folgo** e volo agradeço, hi falar com Antam de Faria e elle vos dará dozentos cruzados, de que vos faço por yssso merce pera ajuda de vossa despesa”.²⁷
- (14) Deixou conde dAtouguia e nam quis ser regedor deixou rendas, fidalguia, honras, privança, valia, por servir Nosso Senhor; e quem bem quiser olhar he muito pouco deixar por Deos quanto caa se alcança pois há bem aventuraça **com isso pode alcançar**.²⁸
- (15) CARMOSINA Sua alma, sua palma; lá se avenham, Que eu já disse, **com isso** não me meto. D. Tadeu Estou fora de mim! Lopes!²⁹
- (16) Tapadas: -- Pois, meu caro Tapadas, que tenha paciência ‘te bom povo. **Com isso** é que eu não transijo. Ninguém é mais condescendente do que eu, menos no que pode arriscar a vida de muitos e entre ‘sas a dos que me pertencem. O abuso há-de acabar.³⁰

Em (13), temos o verbo *folgar*, muito frequente, nos dois *Corpora* diacrônicos, em textos dos séculos XVI ao XIX. Apresenta sentido análogo a alegrar-se, divertir-se, e exige complemento oblíquo. Na ocorrência em tela, *com isso* configura um uso atípico em decorrência de sua anteposição. Encontra-se, no entanto, ainda relativamente integrado semântica e sintaticamente ao verbo. Vale ressaltar que, nos dados levantados, há apenas duas ocorrências com essa configuração. Nos dois casos, *com isso* está na posição imediatamente à esquerda do verbo.

Em (14), *com isso* exerce a função de adjunto adverbial e está anteposto à locução verbal a que faz referência. Apresenta configurações, quanto à integração sintática e semântica, muito semelhantes às vistas em (13), a despeito da diferença de função sintática. Já em (15) e (16), por sua vez, podemos observar não só a anteposição de *com isso* ao subordinador, mas também um maior distanciamento, com a presença de termos intervenientes.

Cabe ponderar que, nos estudos dos contextos de mudança propostos por Diewald (2006), o estágio I, que diz respeito às pré-condições de gramaticalização, normalmente está associado às neoanálises iniciais, em que o usuário, por inferência, atribui um novo sentido a uma construção (o sentido motivador da futura construcionalização). Como se pode observar, em nosso contexto atípico, não aventamos a hipótese de que *com isso*, em nossos dados, seja, de fato, ambíguo. Para o objeto que

²⁷ Dado do Corpus Vercial, século XVI. Obra: Livro das Obras – Prosa.

²⁸ Dado do Corpus Vercial, século XVI. Obra: Livro das Obras – Prosa.

²⁹ Dado do Corpus Vercial, século XVIII. Obra: Poesias Tomo IV.

³⁰ Dado do Corpus Vercial, século XIX. Obra: O Primo Basílio.

analisamos, entendemos que o primeiro estágio da mudança esteja associado à anteposição de *com isso* a seu subordinador, uma vez que é essa anteposição que criará a oportunidade de que ele seja lido futuramente como conector. Na verdade, para a análise empreendida, defendemos que a ambiguidade semântica e a estrutural ocorrem concomitantemente na língua, fato que exploraremos na subseção a seguir.

4.3. O Contexto Crítico

Nesse estágio, *com isso* se justapõe a um outro conector, do qual herda parte de suas propriedades morfossintáticas. Argumentamos que esses traços são transferidos por metonimização, de maneira análoga ao que ocorreu na emergência de muitos conectores do português. Abaixo, apresentamos um quadro síntese de nossos dados. Em sequência, analisamos algumas ocorrências.

Quadro 7: Consolidação dos dados – Contexto crítico

Século	Anteposição de <i>com isso</i> com justaposição a um conector												Total
	e	mas	sem	porque	para que	para	nem	que	porém	de	se	pois	
XV	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
XVI	2	1	0	1	0	1	1	1	0	1	1	0	9
XVII	6	2	0	3	1	0	1	3	1	0	3	1	19
XVIII	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	2
XIX	6	0	3	0	0	0	0	5	0	0	2	0	16
XX	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	3
XXI	17	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	19
Totais	33	3	3	4	1	1	2	13	1	1	6	1	70

Fonte: Elaboração dos autores.

(17) Depois de chegar Belchior Fernandes Correa com a carta de Ruy Lopes de Villa-Lobos, (como em outra parte dissemos Capítulo X Livro VIII), determinou de armar contra os Castelhanos; mas não tinha mais que duas galeotas, e não ousava de pedir as corocoras ao Rei de Tidore por fiar pouco dele, e também porque lhe não entendesse a necessidade em que estava, porque lhe não quis dar esse contentamento, **e com isso** mostrar-lhe que o não havia mister.³¹

(18) Não seria nada se estas terras Grecia e Italia de que falamos somente soubessem pouco em seus começos; **mas com isso** achamo-las que desfavorecem o bo³² saber, que é pior:

³¹ Dado do Corpus Tycho Brahe, século XVI. Obra: Décadas, de Diogo do Couto.

³² id="Gramática da Linguagem Portuguesa Prosa: dissertação FO 1536 masc": Não seria nada se estas terras Grecia e Italia de que falamos somente soubessem pouco em seus começos; mas **com isso** achamo-las que desfavorecedm o bo saber, que é pior: porque diz Suetonio Tranquillo, no Livro dos grammaticos antigos, que lançavam d'antre si os filosofos e oradores (*sic*).

porque diz Soetonio Tranquilo, no Livro dos grammaticos antigos, que lançavam d'antre si os filosofos e oradores.³³

(19) Quando o papa Pio Quinto quis fazer liga com alguns cristãos contra o grão-turco Selim Segundo, que vitorioso com a conquista de Chipre ameaçava a Itália, e os mais reinos da cristandade, escreveu El-rei Dom Sebastião, pedindo-lhe entrasse na liga, **porque com isso** só tinha grande esperança do bom sucesso pelo valor dos portugueses, e prática militar que tinham da guerra dos turcos.³⁴

(20) Eu soube hora do falecimento de vosso filho, com que houve muito desprazer, e deves de louvar a Nosso Senhor, pois **se com isso** houve por servido, conformando-vos com sua vontade.³⁵

Para os estudos funcionalistas, é bastante cara a ideia de que novos sentidos e novas funções emergem em decorrência de pressões contextuais, sobretudo via metonimização. Como ilustração, podemos citar a investigação de Dias, Araújo e Pacheco (2020) sobre a construção contrastiva *acontece que*. Inicialmente, vejamos duas ocorrências apresentadas pelas autoras:

(a) Luciano Suassuna: Mas, nessa questão, qual seria a diferença entre o que foi dito pelos líderes do MST e o que foi dito pelo presidente da Associação dos Magistrados Brasileiros ou o ministro Sepúlveda Pertence, de que as pessoas tinham... Nenhum juiz iria condená-los por causa desse furto famélico, uma expressão assim. Milton Seligman: *Acontece que* não é furto famélico que nós estamos vendo no caso nordestino³⁶.

(b) Paulo Markun: E ainda assim dá a impressão de que os setores que são contra a reforma da Previdência (...) estão muito mais ativos e atuantes do que supostamente a grande maioria que deve ser a favor da reforma. O senhor não acha? José Alencar: Não, tudo bem, **mas acontece que** a reforma é posta como assinatura dos 27 governadores³⁷.

Segundo as estudiosas, a noção contrastiva atribuída a *acontece que* é oriunda de pressões metonímicas ao longo do tempo. Isso significa que a expressão, ao ser recorrentemente utilizada em contextos propícios ao contraste, herdou essas propriedades. Na primeira ocorrência, pode-se

³³ Dado do Corpus Vercial, século XVI. Obra: Gramática da Linguagem Portuguesa.

³⁴ Dado do Corpus Tycho Brahe, século XVI. Obra: Monarchia Lusitana.

³⁵ Dado do Corpus Tycho Brahe, século XVI. Obra: Cartas, Dom João III.

³⁶ Dias, Araújo e Pacheco (2020, p. 307-308). Dados extraídos do *Corpus Porus*.

³⁷ Dias, Araújo e Pacheco (2020, p. 309). Dados extraídos do *Corpus Porus*.

observar que o contraste está associado à mudança de polaridade, já que uma declaração afirmativa é, posteriormente, negada. Na segunda ocorrência, *acontece que* se justapõe ao *mas*. A alta recorrência desses contextos de uso, segundo as autoras, seria a responsável pela construcionalização de *acontece que* como conector contrastivo, que teria herdado propriedades contrastivas nessas circunstâncias.

Entendemos que a construcionalização de *com isso* como conector pode ter sido favorecida pelo tipo de contexto presente em (b). Essa suposição decorre da frequência de ocorrência desse tipo de contexto nos *corpora* investigados, em especial ao “e”, cuja frequência é majoritária (33 ocorrências, ao todo).

Sendo assim, sustentamos a ideia de que o contexto deflagrador da construcionalização de *com isso* como conector apresenta configuração análoga à apresentada nos dados (17) a (20). Nesses casos, *com isso* mostra-se mais vinculado ao conector antecedente, em virtude das seguintes características: a) não há pausa (uso de vírgula) entre o conector (*e, mas, porque e se*) e o adjunto adverbial, embora essa pontuação fosse esperada, sobretudo em adjuntos adverbiais de natureza complexa (formados por mais de um elemento, como *com isso*); b) como as duas estruturas são prosodicamente átonas, elas tendem a ser lidas como uma unidade.

Defendemos que essas características representam uma ambiguidade estrutural e semântica, porque, ao mesmo tempo que *com isso* se vincula ao conector que lhe antecede, ele permanece integrado sintática e semanticamente a seu subordinador: *mostrar com isso* (17), *achamos com isso* (18), *tinha com isso* (19), *houve com isso* (20).

4.4. Contexto Isolado

Por fim, apresentamos os dados do contexto isolado, em que já é possível afirmar que estamos diante de um conector, e não mais de um adjunto adverbial. Abaixo, segue a tabela e, em sequência, algumas ocorrências como ilustração.

Quadro 8: Consolidação dos dados – Contexto isolado

	<i>Com isso</i> na função de conector
Século XV	0
Século XVI	3
Século XVII	1
Século XVIII	1
Século XIX	4
Século XX	0
Século XXI	43
Total	52 ocorrências

Fonte: Elaboração dos autores.

(21) Com isto me deveis haver por desobrigado do cargo que me destes; e posto que as horas, que são passadas da noite, culpam a minha tardança, a matéria a pedia, inda que o desejo de

não enfadar me aconselhasse outra cousa. – Tendes dito todas tão bem (respondeu ele) que a prática e a noite pareceu breve. **Com isso** vamos a descansar para na guerra de amanhã entrarmos mais esforçados.³⁸

(22) O perito da Polícia Civil Experiência Porto Compareceu ao local e contou que pelo menos três pessoas participaram da ação. “Eles deixaram no local uma escada de cerca de 10 metros, óculos de solda e máscaras. Achamos que eles gastaram pelo menos dois dias para realizar o furto. O crime foi muito bem arquitetado e foi planejado. Eles desligaram as câmeras de dentro da agência e as externas continuaram funcionando, **com isso**, eles conseguiram ver tudo que ocorria do lado de fora da agência”, explicou.³⁹

(23) As emissoras de rádio e televisão não exigirão mais, a partir de janeiro, a propaganda partidária obrigatória gratuita, espaço que servia como compensação fiscal de impostos que não eram pagos por essas empresas de comunicação. Os recursos que serão arrecadados com esses impostos irão para o recém-criado fundo especial de financiamento de campanha. # **Com isso**, não serão mais exibidas propagandas de partidos em rádio e televisão nos anos sem eleição e, em anos eleitorais, fora do período de campanha.⁴⁰

Com isso, na função de conector, pode atuar na articulação de orações, períodos e parágrafos – dados (22), (21) e (23)⁴¹, respectivamente. Trata-se do resultado de uma construcionalização – isto é, um novo pareamento de forma-significado – em virtude das seguintes características:

a) *Vinculação sintática e semântica mais frouxa com os constituintes:*

Na função de complemento e de adjunto, observamos que *com isso* mostra certa integração com o subordinador: vinculação maior no caso dos complementos; menor, no caso dos adjuntos. Em se tratando dos conectores, essa integração tende a ser mais frouxa, uma vez que o escopo não recai sobre um único elemento.

Em (21), por exemplo, *com isso* não apresenta como escopo um elemento sintático específico presente no período anterior, isto é, não apresenta um subordinador. Na verdade, o escopo é todo o período que lhe antecede: *Tendes dito todas tão bem (respondeu ele) que a prática e a noite pareceu breve.*

b) *Realização de movimento retrospectivo e prospectivo:*

³⁸ Dado do Corpus Vercial, século XVII. Obra: Corte na Aldeia.

³⁹ Dado do Corpus Now, século XXI. Fonte: G1.

⁴⁰ Dado do Corpus Now, século XXI. Fonte: Uol.

⁴¹ No *Corpus Now*, o símbolo # indica início de parágrafo.

Em (22), *com isso* apresenta vínculo com a locução verbal da oração anterior: *continuaram funcionando*. Não obstante, além desse movimento retrospectivo, há também um outro, prospectivo. Trata-se de um uso em que *com isso* atua como conector consecutivo, ligando uma causa (as câmeras externas continuavam funcionando) a uma consequência (conseguir ver o que ocorria do lado de fora).

c) *Os escopos apresentam diferentes dimensões de acordo com a sua posição no texto:*

Como vimos em (a), *com isso*, na função de conector, apresenta escopo mais amplo do que quando atua nas funções adverbiais e completivas. Além desse aspecto, observamos, nos dados, que a extensão desse escopo está associada, em grande parte, à posição desse conector no texto. Sendo assim, conectores oracionais recuperam porções menores de texto, como é possível observar em (22), que remete à oração “apenas as externas continuaram funcionando”; conectores interperíodo têm como escopo, usualmente, o conteúdo do período anterior, seja ele constituído de uma ou mais orações, como podemos observar em (21), cuja análise já foi explorada em (a); por fim, conectores interparágrafo tendem a apresentar escopos mais amplos, usualmente o parágrafo prévio ou todos os parágrafos precedentes. É o que observamos, por exemplo, na ocorrência (23), cuja informação prévia (um parágrafo constituído de dois períodos) é encapsulada por *com isso*.

Considerações finais

Neste artigo, buscamos descrever a trajetória diacrônica do conector complexo *com isso*, sob a hipótese de que sua emergência se deu a partir do processo de construcionalização do adjunto adverbial *com isso*. Para essa investigação, recorreremos aos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso, em especial ao modelo da construcionalização e das mudanças construcionais, originalmente elaborado para subsidiar estudos da mudança linguística sob viés construcionista.

Como base de dados, recorreremos a três *corpora* – dois diacrônicos e um sincrônico –, de onde extraímos 442 ocorrências da sequência de palavras *com + isso*, analisadas sob metodologia quali-quantitativa e à luz de quatro fatores: a) classificação funcional de todos os segmentos constituídos por *com + isso* nos *corpora*; b) posição de *com isso* na unidade de informação; c) justaposição de *com isso* a outros conectores canônicos; d) classificação das ocorrências quanto aos contextos de mudança, conforme o modelo proposto por Diewald (2006).

Nossas análises corroboraram, em certa medida, nossa hipótese inicial. Embora os dados do contexto isolado estejam presentes nos *corpora* desde o século XVI, em convivência com os contextos típico, atípico e isolado, entendemos que a diferença na distribuição das ocorrências pelos tipos de contexto ao longo dos séculos serve como evidência da fixação do uso de *com isso* como conector em nossa sincronia. Como é possível verificar, o emprego de *com isso* como conector aumentou muito no século XXI e representa, aproximadamente, a metade das ocorrências da sequência *com + isso* no período (das 100 ocorrências totais, 43 são conectores).

Não obstante essas últimas conclusões, reconhecemos que nossa interpretação tem de ser relativizada – isto é, tomada como plausível e não como a realidade dos fatos –, uma vez que os

gêneros textuais analisados no século XXI (textos midiáticos virtuais, constituídos por sequências mistas: narrativas, expositivas e argumentativas) favorecem amplamente o uso de conectores quando comparados aos *corpora* diacrônicos, em que os textos são predominantemente narrativos.

Referências

BARRETO, E. A.; FREITAG, R. M. Ko. Procedimentos discursivos na escrita de Itabaiana/SE: estratégias de sequenciação de informação. *Scientia Plena*, v. 5, n. 11, pp. 01-11, 2009.

BERGS, A.; DIEWALD, G. (eds.). *Contexts and constructions*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009.

BYBEE, J. *Language Change*. New York: Cambridge University Press, 2015.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M; CUNHA, M. A. F. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad-Faperj, 2013, pp. 13-39.

CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). *Linguística Funcional*. Teoria e Prática. Rio de Janeiro: DP&A-FAPERJ, 1995.

DIAS, N. B; ARAÚJO, J. A. R.; PACHECO, P. H. Construções contrastivas acontece que e logo eu. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 14, n. 27, pp. 297-316, 2020.

DIESEL, H. *The Grammar Network*. How linguistic structure is shaped by language use. New York: Cambridge University Press, 2019.

DIEWALD, G. Paradigms Lost – Paradigms Regained: Paradigms as Hyper-Constructions. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (eds.) *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2020, pp. 278-315.

DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*. Düsseldorf, 2006. Disponível em: www.constructions-online.de/0009-4-6860. Acesso em: 20 fev. 2023.

DUCROT, O. *Les mots du discours*. Paris: Ed. De Minuit, 1980.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. 3rd Edition. London: Hodder Arnold, 2004.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *The genesis of grammar: a reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

- HILMELMANN, N. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W. et al. (ed.). *What makes grammaticalization?* Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, pp. 21-42.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (orgs.). *Approaches to grammaticalization*. Vol I. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Editora Cortez, 2002.
- KOCH, I. G. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2003.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*. Internal Factors. Oxford: Blackwell, 1994.
- LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística/Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Volume Especial, pp. 83-101, 2016.
- LOPES, M. G. Procedimentos metodológicos na análise de dados sincrônicos. In: ROSÁRIO, I. C. (org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso*. Teoria, método e aplicação. Niterói: EDUFF, 2022, pp. 201-32.
- LOPES, M. G.; SILVA, S. J. Propriedades coesivas e semânticas da construção complexa [com isso] à luz da linguística funcional centrada no uso. *Revista Confluência*, n. 62, pp. 240-69, jan.-jun., 2022. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/521/739>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Revista Alfa*, n. 60, v. 2, pp. 233-59, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2023.
- ROSÁRIO, I. C.; SAMBRANA, V. R. Análise funcional da construção conectora contrastiva “mas olha”. *Revista Soletras*, n. 41, pp. 216-34, 2021.
- ROSÁRIO, I. C.; LOPES, M. G. Construcionalidade e mudança na sincronia. In: ROSÁRIO, I. C. (org.). *Metodologia da pesquisa funcionalista*. Rondônia: EDUFRO, 2023.
- SILVA, S. J. *Relações coesivas e valores semânticos da construção conectora [com isso] à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso*. 2022. 133f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2022).
- SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics*. Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure. Peking: Peking University Press, 1990.
- TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization: Focus on Theoretical and Methodological Issues*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. New York: Oxford University Press, 2013.